

### 3 - Violência e paz nas torcidas organizadas

Marcelo Fadori Soares Palhares  
Gisele Maria Schwartz

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PALHARES, MFS., and SCHWARTZ, GM. Violência e paz nas torcidas organizadas. In: *Não é só a torcida organizada: o que os torcedores organizados têm a dizer sobre a violência no futebol?* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 91-110. ISBN 978-85-7983-742-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

# 3

## VIOLÊNCIA E PAZ NAS TORCIDAS ORGANIZADAS

No capítulo anterior, a análise discursiva produziu quatro principais sentidos de violência, os quais, por sua vez, formaram os quatro principais discursos – D(1), D(2), D(3) e D(4) – sobre a violência no futebol. Dessa forma, os torcedores organizados consideram que a agressão, a precariedade de infraestrutura e serviços dentro dos estádios, a má gestão e organização futebolística e a ineficiência de serviços públicos seriam as quatro formas de violência no cenário futebolístico nacional.

Nossa proposta, neste capítulo, é interpretar e discutir a violência no futebol, tendo como ponto de partida os quatro principais discursos estabelecidos sobre a violência. Para isso, buscaremos aproximá-los do referencial teórico de Johan Galtung, sobretudo em relação aos conceitos de violência e de paz. Em outras palavras, trata-se de explicitar os atos e/ou visões das torcidas organizadas que as fazem se aproximar do conceito de paz ou do conceito de violência.

Ao longo das entrevistas, os torcedores organizados tentavam apontar uma vertente pouco debatida nas discussões sobre a violência no futebol: a visão de que também eles são vítimas de violência.

Isso se faz evidente nas quatro principais formas de violência por eles mencionadas, já que em três delas – D(2), D(3) e D(4) – o torcedor é vítima de violência, e apenas em uma – D(1) – é seu protagonista. Com base nisso, pode-se afirmar que os torcedores entrevistados denunciavam sobretudo a violência contra eles cometida.

No entanto, em alguns trechos das entrevistas, os torcedores organizados silenciavam sobre seu protagonismo em certas situações de violência no futebol. Ao tentarem omitir tal protagonismo, valiam-se de enunciados delocutivos para atribuir a responsabilidade pela violência a outros atores do futebol.

Neste estudo, quando se comparam os quatro discursos com os conceitos galtunianos de violência (direta, estrutural e cultural), em linhas gerais verifica-se que o D(1) – o discurso da agressão – seria equivalente à violência direta, enquanto os D(2), D(3) e D(4) corresponderiam à violência estrutural. Ressalte-se que a violência cultural não foi identificada em nenhum dos quatro discursos produzidos pelos participantes do estudo. Isso significa que os torcedores organizados não reconheceram elementos que justificassem ou legitimassem a violência direta ou estrutural no contexto do futebol brasileiro.

Acerca dessa análise, cabem três ressalvas. A primeira refere-se ao discurso 3 – d(3): a violência é da sociedade –, pertencente ao D(1). Parte da argumentação do d(3) é de que a violência pertence à estrutura social; portanto, seria classificada como violência estrutural na teoria de Galtung.

A segunda ressalva contempla uma argumentação do D(4). A alegação dos torcedores de que a Polícia Militar é responsável por muitos atos de violência (inclusive, a agressão física) seria classificada como violência direta.

Por fim, a terceira ressalva é que, embora os torcedores organizados reconheçam a existência de preconceito em relação às torcidas organizadas, acabam naturalizando tal prática. Não raro, os próprios torcedores enunciam discursos preconceituosos em relação a si. Essa visão deixa de reconhecer a conduta preconceituosa (manifestação clara de violência cultural) como violência, além de

desconsiderar os valores e intenções nela presentes. Por essa razão, pode-se afirmar que o discurso dos torcedores organizados é culturalmente violento. Como atenta Bourdieu (2010), os sistemas simbólicos (entre eles, alguns discursos) cumprem a função política de instrumentos destinados a impor ou legitimar a dominação.

Quanto ao não reconhecimento da violência cultural por parte dos torcedores organizados, cabe notar que esse é um dos pontos mais sutis da violência no futebol. Como o próprio Galtung (1990) observa, a violência cultural não raro acaba sendo naturalizada, e, nesse aspecto, defendemos a ideia de que os discursos que animalizam, que atribuem denominações pejorativas ou estigmatizantes aos torcedores organizados, poderiam justificar ou legitimar a utilização de violência direta ou estrutural contra eles. Ou seja, esses discursos serviram para dar legitimidade a uma série de práticas inaceitáveis. Por exemplo, considerar que os torcedores organizados são “vândalos” permitiria à polícia lançar mão de força desproporcional contra eles, isto é, justificaria uma agressão física e um abuso de poder. Influenciados por tais discursos, também poderíamos acreditar que esses torcedores não merecem desfrutar de serviços de qualidade e tampouco de uma melhor infraestrutura física dos estádios.

Cabe aqui recordar alguns pontos da teoria galtungiana que constituem a base para a compreensão de nossa interpretação sobre a violência no futebol. O primeiro está no fato de a violência ser a causa da diferença entre o real e o potencial, entre o que é e o que poderia ou deveria ser. Quando uma situação calamitosa persiste a despeito de poder ser evitada, a violência aí se configura. E, nesse aspecto, cabe ressaltar, a situação real do futebol brasileiro é grave e evitável. Para tanto, algumas medidas factíveis podem melhorar significativamente esse cenário.

O segundo ponto é que o monopólio de recursos e/ou percepção exercido por determinado grupo ou classe faz que o nível real desses recursos fique aquém de seu potencial. Acerca do assunto, consideramos que o futebol brasileiro é monopólio de alguns atores, sobretudo da emissora detentora dos direitos de trans-

missão. Além disso, cabe destacar que mentiras, naturalizações, dissimulações e desinteresse em relação à real situação do torcedor de forma geral (comum e/ou organizado) contribuem para a manutenção do *status quo* desses grupos.

O terceiro ponto refere-se à distribuição desigual de recursos, já apontada por Galtung (1969), como fator condicionante do acesso ao futebol. Nesse aspecto, julgamos que o acesso desigual ou enviesado ao transporte, por exemplo, mantém inúmeros torcedores afastados dos estádios de futebol. Tal situação persiste por certos fatores, entre eles o horário de realização das partidas (enviesado por interesses econômicos e comerciais). Some-se a isso um outro fator que de certa maneira está relacionado ao ponto anterior, concernente ao monopólio de recursos: a existência de grupos detentores de mais poder na estrutura do futebol brasileiro. Daí serem capazes de determinar, de destinar recursos e serviços de acordo com seus próprios interesses.

Como quarto ponto, consideramos que ameaças de violência também são violência. Do mesmo modo que a manipulação de indivíduos é violência. Os discursos que estigmatizam o torcedor organizado como “vândalo”, “vagabundo” contribuem para condicionar a opinião de diversas pessoas sobre esse grupo. Finalmente, deve-se destacar que em todo esse contexto a violência direta é a que se faz mais notável, por causa de suas características (observável e fácil de ser expressa verbalmente).

Com base no referencial galtuniano, pode-se explicitar de que maneira as torcidas organizadas se relacionam com os referenciais de paz e violência. Isso permite analisar e problematizar a violência no futebol por um viés diferente, o que acreditamos ser uma importante contribuição para os estudos acadêmicos sobre violência e futebol.

Adiantamos que a relação das torcidas organizadas com os conceitos de paz e violência ocorre por meio de práticas e representações distintas. Dessa maneira, nossa intenção aqui não é esgotar o assunto, visto que as torcidas organizadas são grupamentos heterogêneos, muitas delas com peculiaridades e lógicas internas específicas.

Essa interpretação identifica elementos que apareceram nas entrevistas, bem como dados empíricos. A seguir, o Quadro 1 fornece, em linhas gerais, os elementos que aproximam as torcidas organizadas dos referenciais galtunianos de violência e paz.

Quadro 1 – Aproximações entre as torcidas organizadas e os referenciais galtunianos

<i>Torcidas organizadas e o referencial galtuniano de violência</i>
1) Protagonismo em relação à violência direta
2) Legitimação e autoafirmação por meio da violência direta
3) Intolerância e distanciamento de grupos rivais

<i>Torcidas organizadas e o referencial galtuniano de paz</i>
1) Protagonismo na oposição à violência estrutural
2) Promoção e participação em campanhas de prevenção à violência
3) Realização de ações sociais

Neste momento, passamos a evidenciar melhor cada uma das aproximações das práticas e representações das torcidas organizadas com os referenciais de violência e paz.

## **Torcidas organizadas e o referencial galtuniano de violência**

### **Protagonismo em relação à violência direta**

Iniciando pelo referencial de violência, a primeira questão a ser abordada é o protagonismo das torcidas organizadas em relação à violência direta. Inegavelmente, pode-se atribuir certo protagonismo às torcidas organizadas em situações de agressão (violência direta), tanto no âmbito empírico quanto no âmbito discursivo,

conforme apresentou a análise discursiva. Nesse sentido, cabe lembrar, inclusive, que as músicas das torcidas reivindicam a agressão como algo “constitutivo”.

Há inúmeros casos de confronto físico envolvendo torcidas organizadas que poderiam justificar a atribuição de protagonismo em relação à violência direta. Servem de exemplos a briga do Paqueta entre torcedores do SPFC e do Palmeiras, ocorrida em 1995, e, mais recentemente, em 2013, o confronto entre organizadas do Atlético Paranaense e do Vasco da Gama. Brigas, emboscadas, músicas ofensivas, xingamentos, intimidação e deprecição do adversário são práticas<sup>1</sup> das torcidas organizadas que contribuem para um quadro de violência no futebol, e as próprias torcidas reconhecem seu protagonismo nesse contexto.

Esses grupos, contudo, interpretam a violência de modo distinto, conforme foi visto anteriormente. Para eles, as brigas e os confrontos físicos dão visibilidade e *status* à torcida e a seus integrantes; portanto, não são valores estritamente negativos. Como ressalta Teixeira (2001, 2013), passar por situações perigosas, enfrentar a morte, perder amigos e ferir-se fisicamente são experiências que concederiam poder a um torcedor organizado. Por essa razão, a escolha da forma de comunicação das torcidas organizadas (por meio de músicas e/ou emblemas) passa pela representação e indicação de que esses grupos são perigosos, devem ser temidos e respeitados (Teixeira, 2006).<sup>2</sup>

- 
1. A literatura acadêmica sobre torcidas também apresenta outros exemplos dessas práticas, como furtos a torcedores comuns, saques a estabelecimentos comerciais durante caravanas (viagens a outras cidades para ver o time jogar), depredação do patrimônio público, linchamento e provocação verbal a transeuntes (Toledo, 1994; 1996; Pimenta, 1997).
  2. Exemplo disso é o emblema escolhido por uma divisão da Polícia Militar do Rio de Janeiro, o Batalhão de Operações Especiais (Bope): uma caveira com um punhal atravessando o crânio longitudinalmente. Entre outras coisas, esse símbolo tem como função de comunicação demonstrar que o grupo deve ser temido e respeitado.

No que tange à violência direta entre torcidas organizadas de futebol, os confrontos físicos tanto podem ser espontâneos, ocasionais, como premeditados. Os primeiros resultam do encontro ocasional de duas torcidas organizadas, e, como ressalta Teixeira (2001), são situações em que sempre há possibilidade de início de um confronto físico. Já nos confrontos premeditados, existe uma intenção deliberada de lutar contra o inimigo, e os instrumentos utilizados para isso podem ser paus, pedras, bombas e armas de fogo (Teixeira, 2001).

Segundo Elias e Dunning (1992), os participantes dos confrontos premeditados sentiriam um prazer decorrente de tal prática, dada sua capacidade de promover uma agradável sensação de excitação. No entanto, Murad (2007) salienta que apenas uma pequena parcela dos membros de torcidas organizadas seria adepta da violência premeditada. Mas o estigma de “violento” acaba sendo estendido a todos os integrantes de torcidas organizadas, mesmo que dados de pesquisas e o discurso dos torcedores indiquem que somente uma parcela irrisória deles costuma se envolver em confrontos premeditados.

Embora o protagonismo em situações de violência direta não seja exclusivo da torcidas organizadas, cabe notar que a responsabilidade por essas situações recai sistemática e unicamente sobre elas. Essa responsabilização exclusiva das torcidas desconsidera, por exemplo, que elas também podem ser vítimas de violência (agressão física e abuso de poder) por parte da Polícia Militar.

Dessa maneira, atribuir a responsabilidade somente às torcidas organizadas não contribui para o avanço do debate sobre a violência no futebol, porque, além de estigmatizá-las como violentas, essa atribuição não leva em conta que elas também podem ser agentes da paz no futebol. Ou seja, desconsidera a importância das torcidas organizadas como atores também nesse outro aspecto.



## Legitimação e autoafirmação por meio da violência direta

O segundo ponto de aproximação entre torcidas organizadas e o referencial galtuniano de violência diz respeito à existência de práticas e representações em que a violência é um dos principais mecanismos de legitimação e autoafirmação do sujeito perante o grupo.

No contexto das torcidas organizadas, uma dessas práticas consiste em “botar pra correr” a torcida adversária, situação que resulta na melhora da imagem e do *status* da torcida agressora. A Mancha Alviverde, por exemplo, cresceu, ganhou força e conseguiu afirmar-se diante das demais torcidas organizadas, utilizando-se da violência (Toledo, 1996; Pimenta, 1997).

As práticas e representações, geradoras das lógicas das torcidas organizadas, também podem gerar um ciclo de violência direta entre os grupos rivais. A revanche sempre aparece como um mecanismo de recuperação da honra perdida em confrontos anteriores. Essa lógica contribui para o aumento dos episódios de violência entre torcidas organizadas.

Nesse contexto, um dos pontos fundamentais para a elucidação da violência entre torcidas organizadas é o conhecimento e compreensão dos valores dos torcedores em relação à violência. Tornar determinada prática ilegal não muda o valor que essa prática representa para um grupo. Isso significa que atos de violência não deixarão de ser aceitáveis e/ou justificáveis para os torcedores organizados por serem ilegais e seus praticantes sujeitos a sanções da lei, inclusive prisão. Portanto, é preciso considerar as formas culturais aí envolvidas que atribuem valor à violência (Garriga Zucal, 2013). Sendo assim, a criação de uma cultura de paz no futebol passa, necessariamente, pela mudança de certas práticas e representações das torcidas organizadas.

A racionalidade da violência escapa à visão do homem civilizado, que vê nesse fenômeno algo estritamente negativo (Maffesolli, 1987). Entretanto, como se expôs no Capítulo 2, os torcedores entrevistados demonstraram que esses grupos não compartilham esse va-

lor estritamente negativo da violência. Afinal, em certas situações, a violência é por eles considerada aceitável e/ou justificável.

O conceito de *aguante*, proveniente da literatura argentina, contribui para a compreensão de situações em que a violência direta pode ser vista como positiva. É o caso de um membro da *hinchada* do clube Huracán que era pouco respeitado por seus pares, mas que, após envolver-se em um confronto físico com a *hinchada* de outro clube, conquistou o respeito dentro de seu grupo, a *hinchada* (Garriga Zucal, 2010). Esse exemplo demonstra como a violência direta é considerada positiva pelos membros das *hinchadas*, e como está relacionada com o *status* conferido a torcedores organizados que enfrentam situações de perigo (Teixeira, 2001). Esses torcedores, portanto, desfrutariam de maior reputação entre os membros da torcida.

Quando se analisa a violência, é preciso levar em consideração o contexto em que ela ocorre. Nessa análise, deve-se buscar apreender os significados das ações realizadas por determinado grupo (Toledo, 1994). O uso ou não da agressão não pode ser o fator determinante para a definição da ideologia do grupo. É o caso, por exemplo, das rivalidades entre grupos políticos ou religiosos, os quais também se envolvem em episódios de violência direta, mas nem por isso são definidos como violentos. Situação inversa da que ocorre com as torcidas organizadas.

Especificamente em relação às torcidas organizadas, pode-se afirmar que elas instauraram um novo padrão de sociabilidade, expresso pela forma de torcer e pelo grande envolvimento com o futebol profissional. Como ressalta Toledo (1994), esse padrão cria modos específicos de comportamento e ação, contando, inclusive, com um comportamento verbal, regras e um estilo de vida específico, característico. E, como parte desse estilo próprio, encontra-se a violência direta, por vezes avaliada positivamente.

Embora a violência direta seja parte do contexto das torcidas organizadas, existem novos movimentos de torcidas que tentam romper com o estereótipo violento desses grupos. Por exemplo, os movimentos populares da cidade do Rio de Janeiro mencionados por Teixeira (2006) representam uma tentativa de rechaçar práticas

e representações violentas. Ou seja, declaram seu repúdio ao uso da violência direta como algo válido, positivo.<sup>3</sup>

### **Intolerância e distanciamento de grupos rivais**

O terceiro aspecto que aproxima as torcidas organizadas do referencial galtuniano de violência refere-se aos casos de intolerância e, conseqüentemente, ao distanciamento de grupos rivais. Conforme foi visto anteriormente, certas práticas das torcidas organizadas justificam a atribuição do protagonismo da violência no futebol a tais grupamentos. São inúmeros os casos que exemplificam condutas intolerantes das torcidas. No âmbito da literatura acadêmica, por exemplo, Toledo (1994) já mencionava elementos de intolerância e ações violentas desses grupos. Essas condutas tiveram como consequência a morte de dois adolescentes em 1992.

No âmbito empírico, destacam-se os confrontos resultantes do encontro de torcidas, além da elaboração de emboscadas, “esquemas” e ataques físicos de grupos com maior número de pessoas a grupos menores. Casos como esses dificultam a participação mais efetiva e a legitimação das torcidas organizadas no cenário futebolístico nacional. Esse quadro contribui até mesmo para o fracasso das políticas públicas voltadas para o combate à violência no futebol, já que, em nossa análise, as torcidas organizadas deveriam participar da construção e execução dessas políticas.

Ainda com respeito à intolerância, cabe mencionar os episódios de caráter homofóbico. Caso emblemático foi o do jogador Emerson Sheik, ao dar um “selinho” na boca de um amigo seu. Depois disso, o jogador passou a ser coagido, ameaçado e perseguido pelos torcedores organizados. Alguns membros de organizadas do Corinthians fizeram protestos exigindo sua saída imediata do clube, levando faixas ao centro de treinamento da equipe com os

---

3. Durante as entrevistas deste estudo, alguns torcedores organizados demonstraram repúdio semelhante à violência direta, ao declarar que “cansaram de brigar”.

dizeres: “Viado não” e “Vai beijar a P.Q.P. ... aqui é lugar de homem”.

Essas faixas são uma clara revelação da intolerância dos torcedores organizados em relação ao ato praticado pelo jogador Sheik, ou seja, a um comportamento que consideram fora dos padrões de normalidade. No entendimento dos torcedores, beijar a boca de outro homem é algo não apenas inaceitável por si só, como também prejudicial à reputação da torcida do Corinthians. Esse dano à reputação se traduziria em provocações, chacotas e inferiorização da masculinidade de toda a torcida corintiana, por parte das torcidas de outros clubes.

Cumpre notar que a homofobia também perpassa o universo futebolístico. Isso pode ser observado, por exemplo, na indignação quanto à conduta do jogador Sheik, expressa pelos dizeres “Viado, não” e “Vai beijar a P.Q.P. ... aqui é lugar de homem” estampados nas faixas produzidas pelos torcedores. As mensagens homofóbicas são exemplos dos valores altamente masculinos, que permeiam o ambiente do futebol, particularmente o das torcidas organizadas. Fato é que nunca um atleta de futebol no Brasil assumiu publicamente ser homossexual. Todavia, de acordo com vários ex-atletas e técnicos, existem jogadores homossexuais, mas esses omitiriam o fato sob o argumento de que sua revelação ao público afetaria drasticamente sua carreira.

Pode-se dizer que os valores masculinos e homofóbicos das torcidas organizadas tradicionais têm dificultado e até mesmo impedido a criação de torcidas autodeclaradas homossexuais. A Flagay, apontada por Monteiro (2003), a Coligay e a Raposões, por exemplo, foram extintas em decorrência da coerção dessas torcidas. Outro caso recente foi a proposta de criação, em 2013, de uma torcida LGBT para corintianos: a Gaivotas Fiéis.<sup>4</sup> A ideia, além de

---

4. Embora a Gaivotas Fiéis nunca tenha existido oficialmente, Felipeh Campos, seu idealizador, relatou ter sofrido ameaças homofóbicas ao tentar criá-la (Terra, 2013).

reprovada pelos torcedores organizados do Corinthians, passou a ser motivo de sátira entre torcedores organizados de outros clubes.

No primeiro jogo entre Corinthians e São Paulo disputado na Arena Corinthians, por exemplo, os torcedores são-paulinos chegaram a Itaquera com uma mensagem de cunho homofóbico para provocar os rivais. Além dessa provocação, os tricolores criaram uma música cuja letra citava os casos de Sheik, Ronaldo, Dinei e Vampeta. Na avaliação dos torcedores organizados do São Paulo, esses ex-jogadores corintianos teriam se envolvido em situações comprometedoras e ligadas à homossexualidade (Lance, 2014).

A intolerância leva a um crescente isolamento dos grupos de torcidas organizadas, que desse modo vão perdendo cada vez mais a capacidade de articulação e interlocução. Essa situação ocorre até mesmo com torcidas do mesmo clube, que, ao disputarem entre si por mais espaço, legitimidade e reconhecimento, acabam se distanciando umas das outras. Por essa razão, pode-se compreender a existência de confrontos físicos entre torcidas organizadas de um mesmo clube, fenômeno que pode ser potencializado quando se trata de uma torcida rival.

A intolerância e o distanciamento de grupos rivais fazem que as torcidas organizadas tenham pouco diálogo entre si, pouca interlocução. Por sua vez, a falta de diálogo e respeito mútuo contribui para o acirramento das rivalidades, além de dificultar a busca de soluções coletivas, o que favorece a manutenção ou o crescimento da violência entre torcidas organizadas.

## **Torcidas organizadas e o referencial galtuniano de paz**

Cabe aqui recordar brevemente os conceitos de paz negativa e paz positiva definidos por Galtung (1969, 1990). A paz negativa restringe-se à extinção da violência direta. Já a paz positiva consiste na eliminação das violências direta e estrutural.

## Protagonismo na oposição à violência estrutural

Com base nos conceitos expostos, a primeira aproximação das torcidas do referencial de paz refere-se ao protagonismo das torcidas organizadas na oposição à violência estrutural. Esse fator pode ser evidenciado pelo reconhecimento e denúncia das formas de violência estrutural.

As formas de violência contra o torcedor, cumpre lembrar, encontram-se substancialmente no âmbito estrutural, como afirma Lopes (2012). Foi possível perceber, nas entrevistas deste estudo, que as principais reclamações das torcidas organizadas dizem respeito ao horário das partidas, ao preço dos ingressos e à disponibilidade de transporte na volta para casa. Nesse cenário de grande violência estrutural contra os torcedores, o principal ator (se não, o único) do futebol nacional a se posicionar contrariamente a esse tipo de violência seriam as torcidas organizadas.

Em uma incursão histórica aos primórdios do futebol no Brasil, percebe-se que esse esporte estava ligado ao ideal de distinção social,<sup>5</sup> o que acabava gerando um cenário de clara exclusão das camadas mais populares da sociedade do ambiente futebolístico (Proni, 2000; Malaia, 2010). Esse viés excludente determinou que grande parte da população brasileira permanecesse alijada da prática esportiva do futebol em seu início. No meio futebolístico, não houve sequer uma única voz que se levantasse contra a exclusão dos torcedores mais pobres, haja vista a inexistência de pessoas, grupos ou instituições contrárias a tal exclusão.

Em sua constante luta contra a violência estrutural, as torcidas organizadas representam um importante contraponto na estrutura do futebol brasileiro, ao combater, por exemplo, a elitização do futebol, movimento que poderia significar a volta da exclusão dos torcedores mais pobres.

---

5. O futebol, assim como o esporte em geral, era um fator distintivo para a elite socioeconômica do Brasil, aspecto que só viria a ser mudado com sua popularização (Proni, 2000).

As torcidas organizadas tendem a representar e defender os interesses dos torcedores mais desfavorecidos socioeconomicamente, pois funcionam como um importante canal para a participação ativa desses torcedores no meio futebolístico. Desse modo, elas são um dos principais atores (quicá, o maior) da luta contra as formas de violência estrutural no futebol.

Apesar de seu protagonismo na oposição à violência estrutural, as torcidas organizadas poderiam investigar e combater mais profundamente a corrupção e a má gestão futebolística. A corrupção já foi alvo de protestos por parte das torcidas, com a realização de um movimento denominado “Fora Ricardo Teixeira!”, em 2011, que contou com a participação de diversas torcidas organizadas e torcedores comuns de todo o Brasil, manifestando-se tanto nos estádios quanto na internet (Mendes et al., 2013). Esse movimento, no entanto, permaneceu como uma ação isolada no cenário do futebol.

Cabe ressaltar que sobre a corrupção existem denúncias e até mesmo provas de esquemas de fraude e enriquecimento ilícito de dirigentes, seja no âmbito da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) (Ribeiro Júnior; Chastinet; Azenha, 2014), seja no âmbito da Fifa (Jennings, 2011, 2014). No entanto, apesar de todas essas denúncias, as torcidas organizadas permanecem aparentemente alheias a tais práticas. Em um contexto de luta por um futebol mais justo e transparente, as torcidas organizadas poderiam ser um importante ator. Um indício de avanço neste sentido começou a se manifestar no início do ano de 2016. A torcida Gaviões da Fiel realizou protestos contra o caso de roubo da merenda escolar (caso de corrupção que teria comprometido). Situação esta que extrapola o cenário futebolístico e indica um início de discussão e posicionamento político da torcida na sociedade de modo mais amplo.

Quanto à má gestão futebolística, a atuação das torcidas organizadas poderia ser mais incisiva na denúncia e no combate a inúmeros casos de má administração, até porque elas costumam acompanhar os bastidores de seus clubes e do futebol em geral. Essa atuação poderia se dar tanto no âmbito restrito do clube quanto na esfera mais ampla das federações e confederações. Na

Copa do Mundo de 2014, por exemplo, os valores de construção dos estádios foram questionados e discutidos somente até a abertura do evento. Depois disso, os casos de corrupção, má gestão e desvio de dinheiro foram deixados em segundo plano, pois a imprensa passou a dar ênfase nos resultados dos jogos. Portanto, as torcidas poderiam atuar como importantes fiscalizadores de questões concernentes a todas as esferas do futebol. Apesar destas críticas por nós estabelecidas, não podemos perder de vista o fato de que, por vezes, existem ações fiscalizadoras por parte das torcidas organizadas também acerca da má gestão futebolística. Novamente, citamos a Gaviões da Fiel como exemplo: no início do ano de 2016 questionou e pressionou a diretoria do Corinthians acerca das contas do estádio Arena Itaquera, pois o clube até o fim de março de 2016 não negociou os *naming rights* do estádio. Fato este que geraria consequências financeiras negativas para o clube.

Reconhecemos que as torcidas organizadas se opõem e lutam constantemente contra a violência estrutural, apesar dos limites aqui apontados. Por essa razão, defendemos que essas agremiações representam um importante movimento de resistência popular no cenário futebolístico nacional, especialmente contra a elitização do futebol. Pode-se sustentar tal afirmação com base no interesse das torcidas pela criação de espaços economicamente acessíveis à população de menor renda. Desse modo, haja vista a constante luta das torcidas organizadas contra a violência estrutural, consideramos que esse protagonismo as aproximam do referencial galtuniano de paz.

### **Promoção e participação em campanhas de prevenção à violência**

Outro aspecto que aproxima as torcidas organizadas do referencial de paz, mais especificamente do referencial de paz positiva, é a criação, promoção e participação em campanhas de prevenção à violência direta. Nesse sentido, a recente fundação da Associação



Nacional das Torcidas Organizadas (Anatorg) em 13 de dezembro de 2014 representa um importante passo no estabelecimento de uma cultura da paz entre as torcidas de todo o país.

O objetivo da Anatorg é buscar maior interlocução entre as torcidas organizadas, questionar e denunciar os pontos contraditórios e pouco discutidos no futebol, como valores dos ingressos, horários das partidas, disponibilidade de transporte, gestão das confederações etc. Além de contribuírem para a diminuição das violências direta, estrutural e cultural, as ações da Anatorg buscam atender não apenas às demandas dos torcedores organizados, mas às dos torcedores em geral. Com a promoção dessas ações, a Anatorg favorece a concretização do ideal de paz positiva no ambiente das torcidas organizadas. Cabe citar também a Federação de Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ) fundada antes da Anatorg, seu intuito é promover o diálogo entre as torcidas organizadas de todo o estado, e entre elas e o poder público.

Ainda no que se refere às campanhas de prevenção da violência direta, é interessante mencionar duas medidas adotadas por torcidas do SPFC que tiveram membros entrevistados neste estudo: o cadastramento dos torcedores da Independente e a participação da Dragões da Real em um programa de intercâmbio na Alemanha.

A Torcida Independente decidiu cadastrar seus membros com o objetivo de afastar aqueles que pudessem se utilizar do ambiente da torcida organizada para se envolver em episódios de violência física e/ou cometer atos ilícitos (furtos, assaltos, venda e consumo de entorpecentes). Durante o cadastramento, a Independente fez que seus membros da torcida se comprometessem a usar uma camiseta específica nos jogos do SPFC. A camiseta, de uso exclusivo dos membros, não é comercializada, de modo que, segundo os dirigentes da torcida, facilitaria o trabalho das autoridades, uma vez que distingue visualmente os torcedores da Independente dos não filiados.

A segunda medida de prevenção à violência é a participação da Dragões da Real em um programa de intercâmbio e cooperação entre Alemanha e Brasil, denominado *Host City Program*. O pro-

jeto é uma iniciativa do governo alemão, e nele estão envolvidos jornalistas, pesquisadores, torcedores organizados e autoridades.

A disposição das torcidas organizadas para o diálogo e a cooperação com as autoridades demonstra o comprometimento desses grupos com o ideal de paz. É nesse sentido que ressaltamos o papel de algumas torcidas organizadas com longo histórico de rivalidade violenta (como as torcidas do Ceará e do Fortaleza). Essas agremiações vêm tentando ampliar o diálogo entre si, para buscar outros caminhos, não violentos, para a resolução de conflitos. Infelizmente, porém, essas iniciativas não têm despertado a atenção dos meios de comunicação, de modo que permanecem sem a merecida divulgação. Em alguns casos, o estreitamento de relações também contempla a melhoria do relacionamento da torcida organizada com a Polícia Militar e o poder público.

Ao longo do ano, diversas torcidas organizadas realizam ações voltadas para a paz com seus associados. Nos sites oficiais das torcidas, por exemplo, são divulgadas campanhas de conscientização sobre a violência física, tendo como foco afastar seus torcedores de confrontos com outras torcidas organizadas. Essas campanhas são mais intensas durante a semana que antecede a realização de jogos clássicos, nos quais a rivalidade é mais acirrada. Entre essas ações, destaca-se a campanha de defesa da paz e da justiça realizada pela Torcida Independente e divulgada por um manifesto:

“A nossa onda é torcer sem violência!

Vimos através deste manifesto desmistificar algumas opiniões polêmicas sobre as torcidas organizadas e demonstrar a todos que também lutamos e torcemos por PAZ E JUSTIÇA, dentro e fora dos estádios, além, é claro, por nosso Clube do Coração.

Para quem não sabe ou não conhece, Torcida Organizada não é gangue, não é bando e muito menos uma organização criminosa em que fazem parte meliantes, bandidos ou marginais.

Torcedores organizados não vão ao estádio com o intuito de promover a desordem, de gerar violência gratuita, de cometer

delitos contra o cidadão comum, de agredir fisicamente o torcedor rival e muito menos de tirar a vida de inocentes.

Para quem sabe e conhece, Torcida Organizada é um grupo de pessoas comuns como eu e você, que gostam de assistir ao jogo de pé, porque não é plateia e de se organizar para colorir o estádio com bandeiras, faixas, papel picado, sinalizadores e outros artifícios que embelezam o espetáculo.

Torcedores Organizados são uma associação de amigos e irmãos com ideologias parecidas. Gostamos de gritar do começo ao fim o nome do time do coração, de fazer uma festa à parte no estádio e de apoiar o nosso time para mais uma vitória, mesmo na pior das circunstâncias.

Entretanto, não somos inocentes em achar que não existem entre os nossos integrantes, uma minoria de pessoas que não entende a nossa filosofia de torcer e amar o Clube em que depositamos nossas emoções, frustrações e esperanças.

Porém é inocente quem acha que há somente gente sem compromisso e inescrupulosa em Torcida Organizada e não vê que existem pessoas de caráter duvidoso em qualquer profissão, família, partido político, fundação religiosa, entre outras organizações.

Dada estas explicações, viemos a público dizer que SEMPRE orientamos nossos integrantes a respeitar o próximo e principalmente o adversário. Que temos como bandeira a paz e justiça para todos, independente das camisas que vestem.

Finalizamos este manifesto, deixando um recado para aqueles que não conhecem um amigo, parente ou conhecido que torce por outro time, ou que acha demagogia e hipocrisia o que foi dito até aqui.”

Além das campanhas de conscientização realizadas na internet, as torcidas organizadas promovem em suas sedes reuniões com novos sócios. Nesses encontros, seus dirigentes procuram esclarecer os novos membros sobre os objetivos e as condutas de uma torcida organizada, reforçando o propósito maior: apoiar o clube.

Ao promoverem essas ações contra a violência, as torcidas organizadas buscam estabelecer uma cultura de paz, aproximando-se do referencial de paz cultural proposto por Galtung. Ou seja, essas ações das torcidas justificam ou legitimam a paz.<sup>6</sup>

### Realização de ações sociais

Por fim, é preciso ressaltar a promoção de ações sociais por parte de muitas torcidas organizadas: doação de sangue, distribuição de alimentos, cestas básicas, roupas, ovos de Páscoa, brinquedos, entre outras. Essas iniciativas costumam ocorrer em datas específicas, como Dia das Crianças, Páscoa, Natal, com o intuito de auxiliar pessoas necessitadas.



Imagem 13 – Ação social realizada pela Torcida Independente (foto de Maguila)

---

6. Cabe aqui relembrar as contribuições de Lopes (2013b) para a ampliação do conceito de violência cultural originalmente proposto por Galtung. O autor sugere que se analise o sentido utilizado, já que algumas ações podem ser violentas, sem legitimar tal fenômeno; ou seja, é preciso verificar se esse sentido está a serviço da paz ou da violência, independentemente dos mecanismos empregados.

Nesse aspecto, a Dragões da Real realiza um trabalho social constante. Além de promover ações sazonais, como as outras torcidas, a Dragões firma parcerias ao longo do ano com a Prefeitura da Cidade de São Paulo (Projeto Não Jogue Lixo na Rua), agências de empregos, clínicas de reabilitação de dependentes químicos. Em 2014, a entidade assumiu a administração da organização não governamental de caráter beneficente, Estrela do Amanhã (Dragões da Real, 2014b). A Torcida Independente também possui projetos sociais, conforme se vê na imagem anterior.

Em sua tentativa de auxiliar a redução da violência estrutural, as torcidas organizadas se aproximam do referencial de paz positiva. Portanto, seu objetivo não se restringe a extirpar a violência direta, mas também erradicar a violência estrutural, seja no cenário do futebol, seja em um panorama social mais amplo.